

Apresentação

O volume 7 número 2, de dezembro de 2011, de *Patrimônio e Memória* chega ao público leitor com dois “dossiês” que abordam assuntos de amplo interesse, além das sessões “artigos”, “comunicação de pesquisa” e “resenhas”. O primeiro dossiê, organizado pelo professor José Carlos Barreiro, aborda as “narrativas de viagens” sobre o Brasil, que se estendem dos séculos XVI à atualidade, com o intuito de perceber as imagens e representações que os estrangeiros construíram a respeito da sua população, durante o período da dominação Portuguesa e, posteriormente, do Brasil independente. Ao assunto agregaram-se dois textos de autores que se valeram desse gênero textual para analisar as reflexões produzidas por esses viajantes que tentaram dar conta do país. Esse olhar estrangeiro também abarca diversas práticas do cotidiano e dos costumes da vida brasileira, inscritos numa longa temporalidade, e que forjaram discursos e impressões nada inocentes, é bom frisar, que se desvelam em estratégias de poder, expressas sob formas e materiais distintos, cujo alcance não perdeu sua capacidade de seduzir e projetar-se no futuro.

Para o Rio de Janeiro, por exemplo, conta-se com uma profusão de registros, feitos em momentos distintos: a cidade e sua população foram capturadas em sua religiosidade fervorosa e festiva no século XVI, mas sempre marcadas por um tom extremamente negativo. Já no século XIX, os relatos de Ida Pfeiffer, viajante austríaca que narra sua passagem pelo Rio de Janeiro, no ano de 1847, insistem em estereótipos sobre os habitantes da cidade e seus costumes, que fazem eco a vários outros de séculos anteriores. Suas “impressões”, sempre negativas, descrevem os negros, os índios e os seus estilos de ser e viver de modo a desqualificar experiências que não eram as suas próprias. Apenas a natureza escapa à avaliação desse olhar feminino devastador, preconceituoso e etnocêntrico. Outro texto aborda a Amazônia brasileira, recorrentemente atualizada por essa visão exterior.

Multiplicam-se as viagens pela região, na tentativa de se capturar a sua magia, descrever os seus mistérios, lendas e, também, os medos frente ao desconhecido. Esse mesmo encantamento foi perseguido por viajantes da atualidade; caso do texto aqui publicado, que traz a narrativa do viajante-jornalista espanhol, em busca da Amazônia atual, seus problemas e contradições. Reafirma o seu propósito de desvencilhar-se das trilhas, já definidas por aqueles olhares anteriores, para capturar as “novas descobertas”, sem ser enganado pela lenda, já que esse desejo de conhecimento foi alimentado pelas fábulas

imaginárias, do passado e de hoje, disseminadas além-fronteira e reconhecidas pelo viajante.

Certamente, sua narrativa não está livre das possibilidades de se agregar novas lendas sobre esse outro, capturado em instantes fugidios e peculiares. O segundo dossiê tem por tema "imprensa e literatura", e transita por diferentes temporalidades, espaços, assuntos e gêneros textuais. A análise da primeira edição da História geral do Brasil (1854/1857), do historiador e diplomata Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), membro atuante do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fornece a oportunidade de se pensar a construção do Período Colonial levada a cabo durante o Segundo Reinado, num diálogo com o processo de produção de uma memória nacional, num momento específico. Já o debate sobre a Literatura projeta-se, ainda no século XIX, para outras Províncias fora do circuito da Corte. Na segunda metade do século XIX, o Ceará, apesar de vários fatores concorrerem para o declínio econômico e político, a atividade literária, foi intensa e fecunda em Fortaleza. Vários intelectuais formavam agremiações, espaços de sociabilidade nos quais discutiam os mais variados assuntos, destacando-se os literários, como o leitor terá oportunidade de acompanhar em texto sobre a questão.

No século seguinte, a busca da identidade nacional e do povo brasileiro entra na ordem do dia com o governo Vargas, no qual o Ministério Capanema desempenhou papel estratégico. Data de 1936 a criação da Comissão Nacional de Literatura Infantil, com o intuito de gerar subsídios para políticas públicas capazes de incentivar a formação de leitores, razão pela qual a definição conceitual de literatura infantil é posta em discussão. Outros gêneros literários também apareceram nesse processo. Como água para chocolate, dedicado à leitura de mulheres – folhetim, almanaque, caderno de receitas e diário íntimo –, cuja presença fica sugerida desde o subtítulo "novela de entregas mensuales, con recetas, amores y remedios caseros", como lembra a autora do texto. Num registro diverso, é a presença da literatura e da cultura portuguesa nos meios intelectuais paulistas que se problematiza, a partir da pesquisa em periódicos, com destaque para O Estado de S. Paulo, um dos principais matutinos da capital e mesmo do país.

Na sessão "Artigos", as contribuições são significativas. Os textos abordam o papel do anarquismo no Rio Grande do Sul; a implantação das primeiras emissoras de TV no Paraná; as estratégias de ação das normalistas do Maranhão; reflexões sobre o patrimônio e bens culturais nas cercanias de Ouro Preto e os caminhos tomados para a organização dos acervos literários. A sessão "Comunicação de Pesquisa" propicia ao leitor o conhecimento inédito sobre as representações femininas, nos anos 1950, com base nos filmes de chanchada, assunto, não tratado pelas pesquisas, até então. Completam os

Apresentação

assuntos em foco resenhas que abordam obras relacionadas ao temário da Revista e de sua capa, que traz desenho sobre a festa de

Nossa Senhora do Rosário, Padroeira dos Negros, de Johann Moritz Rugendas, que esteve no Brasil, entre 1821 a 1825. A escolha tem em mira dialogar com o temário central deste número, ao selecionar representações produzidas “por viajantes”, criando em torno dos novos lugares, um olhar especial, capaz de motivar e reiterar as emoções que se inscrevem valendo-se de uma dimensão mítica, fora do tempo e do espaço, mesmo que expressem concepções que acabam por criar leituras que reafirmam características selvagens, primitivas e incivilizadas do Brasil e a sua gente.

Profª Drª Zélia Lopes da Silva
Editora

Assis, SP, 13 de dezembro de 2011

e-mail: patrimonio-e-memoria@assis.unesp.br

Endereço do SEER

<http://patrimonioememoria.emnuvens.com.br/pem/about>